

ORÇAMENTO DA UERJ COMPROVA SUBFINANCIAMENTO DA UFRJ

> A UERJ vive uma crise orçamentária grave. Ela tem a metade dos alunos da UFRJ, metade dos professores e um terço dos técnicos. Ainda assim, seu insuficiente orçamento de R\$ 510 milhões é maior que os R\$ 435 milhões da coirmã federal. Os dados explicitam o histórico subfinanciamento que castiga a maior universidade do Brasil **Página 4**



Antes de a polícia entrar, foram feitas várias tentativas de negociação para a saída pacífica. A intenção era mostrar que, com a decisão da Justiça, seria inevitável a desocupação. Eles preferiram permanecer”

GULNAR AZEVEDO E SILVA
Reitora da Uerj



O comandante do Choque se colocou como se fosse dono da universidade. Isso, evidentemente, foi corromper a autonomia universitária. E essa é uma responsabilidade direta da reitoria”

GLAUBER BRAGA
Deputado federal (PSOL-RJ)

SBPC apoia reitoria da Uerj

> Ato na Praia Vermelha reuniu nomes de peso da UFRJ, UFF, UniRio, CBPF e Fiocruz em solidariedade à equipe da professora Gulnar Azevedo. Crise na estadual envolve assistência estudantil e atingiu ápice com a desocupação do campus pelo Batalhão de Choque da PM, na semana passada. **Páginas 5 e 6**

Livro 'A Evolução é Fato' atrai crianças e veteranos

> Academia Brasileira de Ciências organizou publicação sobre os perigos do negacionismo. Lançamento ocorreu no Fórum de Ciência e teve a presença da ministra da Saúde, Nísia Trindade

RENAN FERNANDES
renan.fernandes@adufjr.org.br

O brilho do olhar de jovens estudantes da Escola Municipal Olga Benário Prestes, de Macaé, iluminou o Salão Nobre do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ na manhã de sexta-feira (20). O evento de lançamento do livro "A evolução é fato", publicado pela Academia Brasileira de Ciências, reuniu o trabalho de pesquisadores renomados de todo o Brasil com a curiosidade e a sede de saber dos alunos da educação básica.

O tema encantou desde principiantes até autoridades no assunto. A ministra da Saúde, Nísia Trindade, fez uma breve participação no evento e ressaltou a relação do Ministério com o conhecimento produzido nas universidades. "Há um tempo não pensávamos que precisaríamos escrever um livro sobre evolução. É muito importante e atual pensar a evolução na relação entre os seres vivos", explicou.

O professor Sérgio Danilo Pena, da UFMG, é autor de três capítulos do livro. O geneticista destacou em sua apresentação um dado alarmante de uma pesquisa realizada em 2010 no Brasil. "59% dos entrevistados acreditavam na evolução guiada por Deus e apenas 8% na evolução sem intervenção divina. 25% eram criacionistas e a negavam", apontou.

Os alunos de Macaé que vieram para o lançamento aprenderam os males do negacionismo. "Estou amando essa experiência. Meu caderno está todo riscado, estou anotando tudo", disse eufórica a jovem Manuella

Gomes, aluna do sétimo ano e uma das estudantes mais interessadas.

Manuella fez perguntas aos cientistas após as apresentações, tirou fotos e pediu autógrafos no livro que ganhou. O aquecimento global foi a principal preocupação de Manuella e foi o tema da pergunta que direcionou à professora Marina Bento Soares, do Museu Nacional. "O humano destrói muito o planeta. O desmatamento que acontece hoje, especialmente, agora na Amazônia e no Pantanal é preocupante. Será que o aquecimento global pode provocar destruição como já aconteceu no passado com os dinossauros?"

Paleontóloga, a professora Marina Soares respondeu às dúvidas de Manuella e suas colegas. "A extinção dos dinossauros foi apenas um dos cinco grandes eventos que acabaram com ao menos 75% da vida na Terra", afirmou. A docente alertou para uma questão preocupante no futuro. "As previsões de aquecimento global são alarmantes para uma sexta extinção em massa na Terra".

VIAGEM

Os estudantes acordaram antes do nascer do sol para encarar as três horas de viagem entre Macaé e o Rio de Janeiro. A visita dos alunos da escola pública foi organizada pelo professor Rodrigo Nunes da Fonseca, diretor da AdUFRJ e autor de um dos capítulos do livro. "Essa é uma escola muito especial para nós do NUPEM. Já são dez anos de parceria. Por isso, fiz questão de organizar essa vinda dos alunos".

A escola está localizada a pou-



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

LIVROS E CRIANÇAS Professor Rodrigo Nunes apresenta o livro sobre a evolução



NÍSIA, ministra da Saúde

cos metros do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade da UFRJ (NUPEM) no Norte Fluminense. A proximidade ajudou na parceria com o Instituto para o desenvolvimento de projetos de extensão universitária, cursos de capacitação e bolsas de estímulo à pesquisa para estudantes e professores. O acordo resultou ainda na construção de um laboratório de ciências com

recursos da Faperj.

A professora Patrícia Coutinho exaltou os frutos da parceria entre a escola e o NUPEM. "As portas abertas da universidade possibilitam uma sensação de pertencimento para nossos alunos", afirmou. "O NUPEM tornou-se uma segunda escola, onde fazer e viver a ciência é algo prazeroso e cheio de boas descobertas", concluiu.

Para o professor Gedmar Carvalho, a aproximação entre a universidade e o ensino básico é importante para transformar o futuro dos estudantes. "Essa relação abre portas nas aspirações de crianças que estão na periferia de Macaé e, muitas vezes, não vislumbram a universidade como uma possibilidade".

O LIVRO

O livro defende a evolução como o princípio fundamental da

ciência moderna e reforça o combate ao negacionismo científico. Ao todo, 28 pesquisadores de diversas áreas da academia foram convidados para escrever os capítulos abordando aspectos de seus trabalhos que comprovam a evolução como um fato científico.

"Certa vez, ouvi um professor dizer que nada foi feito de novo depois de Darwin. O livro prova que ele está errado", declarou o professor Carlos Frederico Martins Menck, do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, responsável pela organização da publicação.

"O nome do livro seria 'A evolução da vida na Terra', mas terminou sendo 'A evolução é fato'. Porque é um livro que tenta falar de forma simples para a população com base em fatos científicos, muitos deles produzidos no nosso país", concluiu Menck.

PIANISTA ARTHUR MOREIRA LIMA GANHA HONRARIA MÁXIMA DA UNIVERSIDADE

O pianista Arthur Moreira Lima é oficialmente Doutor Honoris Causa da UFRJ. A cerimônia aconteceu no dia 24. O pianista de 84 anos participou do evento remotamente, bem como parte de sua Comissão de Honra. Seu neto, o também pianista Chico Lira, representou o avô ao receber a homenagem das mãos do reitor Roberto Medronho.

Coube ao professor Giulio Draghi, da Escola de Música, fazer um resumo da trajetória do homenageado, que ganhou o primeiro concurso de Jovens Solistas da Orquestra Sinfônica Brasileira

com apenas 9 anos de idade. Além de destacar o brilhantismo de Moreira Lima, o docente falou de sua dimensão humanística, ao levar a arte erudita ao povo brasileiro. "Passou a dar concertos na Mangueira e na Rocinha, iniciativas que antecipariam o projeto Piano pela Estrada, que gerou mais de 500 concertos gratuitos", contou. "Com o projeto, foram percorridos 128 mil quilômetros de estrada, o equivalente a três voltas à Terra. Um milhão de pessoas foram alcançadas pelo projeto. Arthur Moreira Lima devolveu ao povo brasileiro tudo

o que abundantemente recebeu", frisou.

O reitor da UFRJ, professor Roberto Medronho, se mostrou profundamente emocionado. "Ele não só brilhou nos grandes palcos do mundo inteiro, como levou a arte ao povo. Era um deleite ouvi-lo tocar", destacou o reitor. "Eu, estudante do Pedro II, saía do meu colégio e ia assistir aos seus concertos gratuitos", lembrou. "A universidade se sente honrada em conceder este título".

A filha, Beatriz Moreira Lima, também esteve presente à cerimônia. "Mais recentemente tive



FERNANDO SOUZA

HOMENAGEM família do pianista recebeu o título da UFRJ

a oportunidade de acompanhar o projeto Piano pelas Águas, a versão amazônica do Piano pela Estrada. Era muito emocionante ver a reação das pessoas que não conheciam um piano", lembrou.

"Naturalmente, vovô Arthur é uma influência gigantesca para mim", completou o neto Chico Lira. "É uma referência estética, afetiva", avaliou. "Ele foi determinante para minha profissão".

Triste aniversário para a Escola de Educação Física

Após dois desabamentos de telhado que interditaram o prédio — o primeiro há um ano —, comunidade está com aulas espalhadas por todo o campus e até em espaços externos

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Professores, alunos e técnicos da Escola de Educação Física e Desportos protestaram, no Consuni da última quinta-feira (26), contra as precárias condições de trabalho e estudo. A unidade ainda está com as instalações interditadas após dois desabamentos do telhado — um, em setembro de 2023; o segundo, em maio deste ano. O grupo levou um bolo e balões pretos para marcar o "desaniversário"

As aulas estão espalhadas por salas do CCS, CT, CCMN e Letras, na piscina do Clube dos Empregados da Petrobras (CEPE) e no Centro Coreográfico da Cidade do Rio de Janeiro, na Tijuca, para os cursos de Dança. "Estamos vivendo um momento muito difícil e precisamos reverberar o verbo esperar, como disse Paulo Freire. E para os jovens que sonham em cursar o nível superior na UFRJ, e ser até o primeiro da sua família na federal, como eu sou, deixo um recado: estamos lutando pelos nossos sonhos!".

Na tentativa de minimizar os prejuízos à formação dos alunos, boa parte das atividades práticas da Educação Física foi deslocada para meados de outubro, na expectativa de uma volta parcial à sede. A ideia seria utilizar os blocos C, D e E, onde ficam localizados os ginásios. Os espaços possuem uma estrutura

independente dos trechos desabados (A e B).

Mas o aproveitamento dos espaços também depende de obras. Avaliação do Escritório Técnico da Universidade de julho deste ano verificou a necessidade da demolição de uma parede construída no segundo pavimento do ginásio do Bloco E e a manutenção das redes de proteção nos tetos de todos os ginásios.

No protesto do Consuni, a comunidade da Escola cobrou celeridade para estas obras e a instalação de cinco contêineres, que funcionariam como vestiários. A professora Luciana Peil, do Departamento de Jogos, participou do ato no Consuni e expôs a indignação com a falta de uma solução por parte da reitoria. A docente está dando uma disciplina de Sociologia do Esporte, teórica, no CCMN, mas não tem um lugar para lecionar Fundamentos do Basquetebol. "Não estão enxergando a EEFD como parte da UFRJ. O maior curso de Educação Física do país, a primeira Escola de Educação Física civil do país, não consegue funcionar. É inadmissível", disse.

Já o caso dos cursos de Dança é um pouco diferente. Além das teóricas espalhadas por vários Centros, as aulas práticas vêm acontecendo no Centro Coreográfico da Tijuca ou em espaços improvisados. "Sem piso adequado, sem ventilação. Estamos sobrevivendo", relatou a coreógrafa Denise de Sá. A liberação da área dos ginásios também melhoraria a situação da Dança.

RESPOSTAS

A pró-reitora de Graduação, professora Maria Fernanda, disse que acompanha de perto a



KELVIN MELO

crise da Escola, inclusive com o levantamento de espaços disponíveis em outras unidades para as aulas teóricas. Deu o exemplo de destacar um servidor apenas para atender as demandas da EEFD no Sistema de Gerenciamento Acadêmico. "Em momento nenhum, a gestão tem estado à parte desta situação".

Superintendente geral de Gestão, Daniele Delgado disse que a equipe da pró-reitoria de Governança está ciente da prioridade de todos os processos relativos à Escola. O serviço de manutenção das telas deve ser iniciado nos próximos dias. Em relação à demolição da parede, uma empresa prepara o estudo para enviar o orçamento.

Por outro lado, a notícia sobre os contêineres não é positiva. "O aluguel ou compra do contêiner-vestiário ainda não chegou para a licitação. Está ainda na fase de elaboração do projeto", explicou. "Temos que trabalhar com a realidade. O contêiner não estará pronto em outubro. Até porque tem uma obra civil por fazer: parte elétrica, parte hidráulica. É um produto que será fabricado por encomenda".

E OS DEMAIS BLOCOS?

A Escola é dividida em cinco partes. Os desabamentos aconteceram nos blocos A e B, que são compostos pelo mesmo sistema estrutural de lajes com beirais, e sua liberação depen-

de de trabalhos de sustentação. Até o momento, houve o escoramento interno emergencial do primeiro trecho que desabou (em dezembro do ano passado) e da parte externa dos beirais de todo o bloco B, em junho último. "Nós estamos aguardando o escoramento interno do segundo trecho que desabou, além da parte externa dos beirais de todo o bloco A", informou a diretora, professora Katya Gualter. O segundo escoramento interno tem previsão de conclusão até o final de outubro. O escoramento externo dos beirais do bloco A começa "tão logo tenhamos recursos disponíveis", completa a diretora.

ORÇAMENTO: ORIENTAÇÃO É GASTAR LOGO PARA NÃO DEVOLVER RECURSOS AO MEC

Em meio à crise financeira da UFRJ, a reitoria pediu a decanos e diretores para adiantar os gastos de tudo que receberam ao longo do ano. O orçamento ainda disponível nas unidades e não empenhado até 15 de outubro será recolhido ao caixa da administração central para ajudar nas despesas de funcionamento básico da instituição. No levantamento realizado pela reitoria, esses recursos totalizavam R\$ 11,6 milhões, no dia 23.

"Se não for feito o recolhimento, os recursos serão devolvidos ao MEC. E, na situação em que esta-



mos, não estamos em condições de devolver nenhum centavo", afirmou o pró-reitor de Finanças, professor Helios Malebranche.

A UFRJ, informou o dirigente, demandou ao MEC esta semana uma suplementação orçamentária emergencial de mais de R\$

60 milhões para pagamento de serviços de água, energia, vigilância e limpeza. "Como a gente pode estar, ao mesmo tempo, demandando suplementação e devolvendo recursos, por não ter utilizado?", questionou. "Espero que eu não recolha nada, que as unidades corram para realizar suas despesas que são todas necessárias", completou.

No Consuni do dia 26, o decano do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, professor Cabral Lima, solicitou a dilatação do prazo de recolhimento do orçamento em pelo menos 20 dias.

O docente justificou o pedido em função da demora da definição sobre a distribuição do orçamento participativo neste ano — a partilha só foi aprovada no início de junho. "Isso resultou num período de tempo muito diminuído para gastar o orçamento recebido. Um processo que é muito trabalhoso e demorado", afirmou. O docente observou que este pedido não é só do CCMN e que outros decanos já se manifestaram no mesmo sentido.

O pró-reitor Helios disse à reportagem que a decisão caberá ao reitor, mas defende a não dilatação do prazo. "O máximo que pode haver é estudar um ou outro caso pontual, tramitando em fase avançada".

O recolhimento em período

posterior, mais próximo ao fim do exercício, passaria a dificultar o uso dos recursos pela reitoria nos gastos com toda a instituição.

VERBA DA PÓS NA MIRA

O recolhimento também será aplicado nas verbas do Programa de Apoio à Pós-graduação (PRO-AP). Mas com um prazo maior: até 15 de novembro. Estas verbas, que têm destinação específica, passarão a ser gerenciadas pela pró-reitoria de Pós-graduação. O valor descentralizado aos programas foi de R\$ 2,89 milhões.

A situação não é inédita. Ano passado, o que "sobrou" foi utilizado para a compra de gases que são de uso comum para vários laboratórios, esclareceu o pró-reitor João Torres. (Kelvin Melo)

Orçamento da UERJ expõe subfinanciamento da UFRJ

> Em 2024, a Uerj tem R\$ 510,69 milhões para usar, somados valores para manutenção e assistência estudantil, enquanto a UFRJ tem à disposição R\$ 435 milhões para as mesmas rubricas

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A análise orçamentária da Universidade do Estado do Rio de Janeiro comprova o subfinanciamento da UFRJ. O Jornal da AdUFRJ comparou os principais dados das duas instituições e constatou que o orçamento da Uerj em 2024 é maior que o da federal. Isso em números absolutos. Se relativizarmos pelo tamanho das duas instituições, o assombro é ainda maior.

A estadual equivale à metade UFRJ. Lá estudam 32.746 alunos e trabalham 2.497 docentes e 4.978 técnicos-administrativos. São 64 cursos de graduação, 67 de mestrado e 46 de doutorado, além de 182 especializações. Todos os campi somados correspondem a 2,34 milhões de m², o que inclui o Hospital Universitário Pedro Ernesto.

Para manter essa estrutura, a Uerj se desdobra com R\$ 333,57 milhões para custeio e R\$ 177,12 milhões para assistência estudantil, o que totaliza um orçamento R\$ 510,69 milhões em 2024, sem incluir os recursos de investimento e pessoal.

Pois bem, se o dinheiro da Uerj já é insuficiente para financiar as necessidades da coirmã estadual, imaginem os da UFRJ. Aqui temos 69.200 estudantes, 4.242 professores e 8.802 técnicos-administrativos. A área total dos campi corresponde a 7,15 milhões de m² que precisam de segurança, limpeza, luz, água, internet e manutenção. São 176 cursos de graduação, 132 programas de pós-graduação, além de 200 especializações.

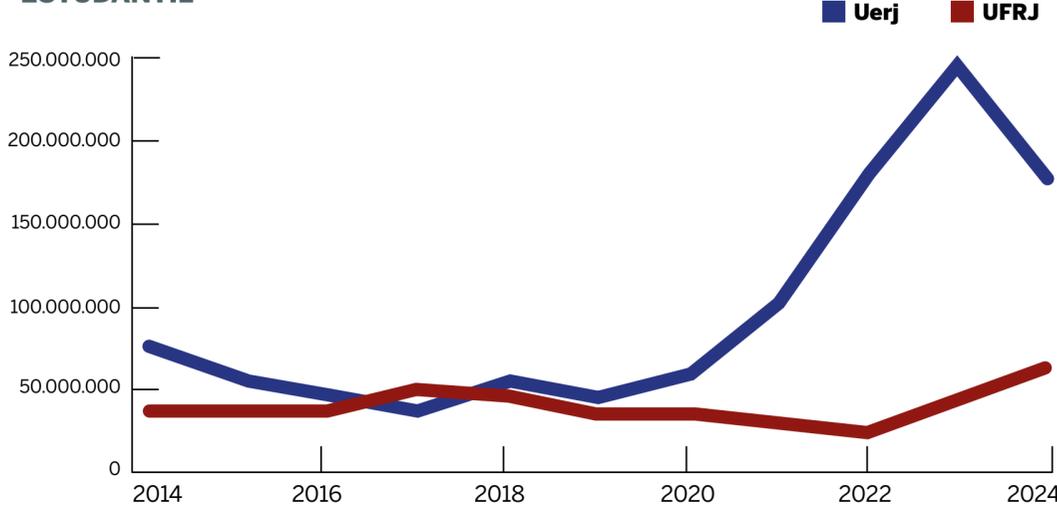
Para manter essa estrutura, incluindo o complexo hospitalar, a UFRJ conta os centavos de um orçamento previsto de custeio e assistência estudantil de R\$ 435 milhões. Na realidade, esse valor está ainda menor — em agosto, o governo federal contingenciou R\$ 64 milhões

ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL

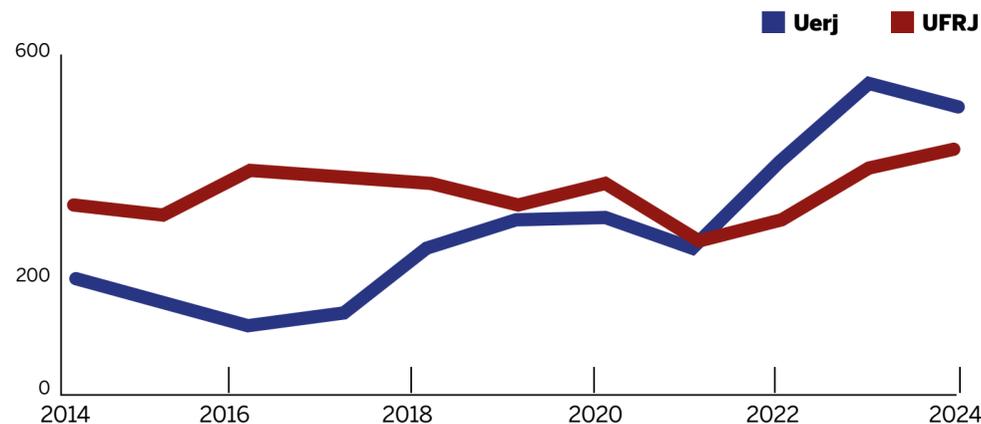
Planilhar os dados das duas maiores universidades da cidade do Rio é um exercício doloroso quando se trata da assistência estudantil, política pública essencial para manter os estudantes mais carentes dentro da universidade.

O programa de assistência da Uerj é pioneiro no país, criou as cotas e totaliza R\$ 177 mi-

EVOLUÇÃO DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL



ORÇAMENTO DISCRICIONÁRIO INCLUINDO HOSPITAIS E ASSISTÊNCIAS*



*Em milhões

lhões. Já na UFRJ, a assistência responde por apenas R\$ 62 milhões, um dinheiro que não só é insuficiente como obriga docentes, técnicos e gestores a 'escolhas de sofá' diárias.

"Temos que escolher entre os mais vulneráveis", lamenta Eduardo Mach, professor e pró-reitor de políticas estudantis. "Hoje temos muito mais alunos que se encaixam no perfil de vulnerabilidade, mas não temos recursos para atender a todos. É

horrível, não temos o que fazer", diz o pró-reitor. "O desafio é que a situação não se agrave para que alunos que têm os benefícios não deixem de receber", afirmou.

"É realmente impressionante olhar esses números e descobrir o quanto temos um orçamento defasado, sobretudo de assistência. A UFRJ tem o equivalente a um terço do orçamento da Uerj, sendo que possui o dobro de estudantes", observou o diretor do

Instituto de Economia, professor Carlos Frederico Leão Rocha.

COBERTOR CURTO

O resultado prático dessa conta que não fecha se traduz numa infraestrutura degradada, em auxílios insuficientes para a demanda e em dificuldades de financiamento de ações de ensino, pesquisa e extensão.

"Vejo esse problema orçamentário como um cobertor curto", analisou o professor Thiago

Signorini Gonçalves, diretor do Observatório do Valongo e secretário regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC/RJ), durante evento em apoio à Uerj (leia mais na página 5). "No momento, tenho que escolher entre consertar a rede de esgoto do meu instituto ou consertar o teto do prédio que está caindo".

Veja acima os gráficos comparativos entre as duas instituições de ensino.



ALEXANDRE MEDEIROS



BEATRIZ MAGNO

Ato de apoio a reitora reúne expoentes da academia

> Professores, cientistas e dirigentes da UFRJ, UFF, UniRio, CBPF e Fiocruz "abraçam" a professora Gulnar Azevedo em evento promovido pela SBPC, seis dias depois da entrada da PM na universidade

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

O Salão Pedro Calmon, no campus Praia Vermelha, foi palco de um ato de desagravo à equipe da reitora da Uerj, Gulnar Azevedo e Silva, nesta quinta-feira (26). Intitulado "A importância da Uerj para a CT&I do Rio de Janeiro", o evento foi promovido pela Secretaria Regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no Rio de Janeiro, e contou com a participação de nomes de peso da UFRJ, UFF, UniRio, Fiocruz e CBPF. A dirigente vem enfrentando uma crise na universidade com a resistência dos estudantes a mudanças nos critérios de concessão de bolsas e auxílios assistenciais.

O ápice da crise aconteceu na semana passada. Na sexta-feira (20), o Batalhão de Choque da PM cumpriu determinação judicial de retirar os estudantes que ocupavam, havia 55 dias, o Pavilhão João Lyra Filho, o principal do campus da Uerj no Maracanã. Os policiais usaram bombas de efeito moral e spray de pimenta contra os estudantes. Dois deles, um jornalista e o deputado federal Glauber Braga (PSOL-RJ), que prestava apoio ao grupo, foram presos e liberados horas depois.

A mesa do evento foi conduzida pelo presidente da SBPC, Renato Janine Ribeiro (USP), pela conselheira Ligia Bahia (IESC-UFRJ) e pelo secretário regional da entidade, Thiago Signorini Gonçalves (OV-UFRJ). Logo na abertura, Janine deixou claro que todos estavam ali para apoiar a gestão da Uerj. "A SBPC considera que a Uerj é decisiva, essencial para a área de Ciência e Tecnologia, e não só do estado do Rio de Janeiro, mas do Brasil. Foi a primeira instituição

SOLIDARIEDADE

brasileira a instituir cotas de ingresso na graduação de forma democrática. Viemos aqui para dar apoio à reitora. Esse tipo de luta fratricida enfraquece a democracia", pontuou Janine.

A reitora da Uerj — foi eleita para o período 2024-2027 — iniciou sua fala agradecendo a solidariedade da comunidade científica e não escondeu os desafios de sua gestão. "Estamos vivendo momentos bem difíceis. Não imaginávamos que a crise tomara essa proporção. Não temos autonomia financeira, dependemos integralmente do governo do estado para funcionar", disse a dirigente.

Ao falar da desocupação da universidade na semana passada (veja mais detalhes na entrevista da página 6), a professora disse que a alternativa foi a que restou diante da falta de diálogo com os estudantes. "Nesses 50 dias, fizemos de tudo para não pedir a reintegração. Houve quebra de patrimônio, uso de dados, invasão de computadores, uma escalada da violência.

Não sabíamos mais quem estava participando da ocupação. Não eram só estudantes. Foram oito rodadas de negociação. Na última, ficou nítido que alguns ocupantes não deixavam espaço para estudantes com uma visão diferenciada, com tendência de aceitar nossa proposta de transição. Chegou a um ponto sem limite, não havia mais segurança no prédio, as portas de emergência trancadas, professores e alunos impedidos de ter aulas. Nosso Fórum de Diretores decidiu que não havia alternativa a não ser pedir a reintegração de posse. Até hoje vivemos o reflexo de tudo isso".

Gulnar estava acompanhada de seu vice-reitor, Bruno Deusdará, e de vários pró-reitores, diretores, superintendentes e professores da Uerj. Representando a reitoria da UFRJ, o superintendente-geral da PR-2, professor Felipe Rosa, disse que o evento ia além da solidariedade. "Esse encontro gira em torno da preservação da universidade pública e da democracia. Há medidas que ninguém

quer tomar, como o que aconteceu na Uerj. Mas quando uma parte é intransigente, às vezes não tem jeito. Ficamos felizes porque a Uerj está voltando a ter aulas, com suas políticas inclusivas", disse Rosa.

O professor Luiz Bevilacqua viu no encontro uma oportunidade de maior aproximação entre as instituições que atuam no Rio de Janeiro. "Vamos trabalhar juntos? Não só nos momentos de crise, mas nos momentos de paz. Trocar estudantes, trocar professores, nos comunicar mais. É um apelo que faço. Vamos nos dar as mãos também nos momentos de paz", disse.

Já o ex-reitor Carlos Frederico Leão Rocha fez uma defesa enfática da autonomia universitária e advertiu que ela deve ser preservada, independentemente do campo político. "Não podemos tratar reitores eleitos da forma como a Gulnar foi tratada. Eles têm que ser respeitados tanto pela direita, quanto pela esquerda. Gulnar foi eleita para

tomar as decisões que tomou. A universidade voltou, e temos que agradecer por isso".

Ao terminar o encontro, a professora Ligia Bahia fez um alerta. "Fizemos um processo de inclusão nas universidades públicas e estamos com dificuldades de manter essa inclusão. Não podemos ser derrotados. O que foi uma vitória não pode se transformar numa derrota. Esse processo democrático tem que seguir. A inclusão na universidade pública não pode se transformar em um problema. Ela é a solução para o país. A gente vai lutar muito para que essa juventude consiga concluir o ensino superior no Brasil. Isso é a defesa da democracia".

QUEM ESTAVA LÁ

UFRJ

- Ex-reitor Nelson Maculan
- Ex-reitor Carlos Frederico
- Christine Ruta, diretora do Fórum
- Felipe Rosa, superintendente da PR-2
- Eleonora Ziller, diretora da Universidade da Cidadania
- Luiz Bevilacqua, professor emérito
- Luiz Davidovich, professor emérito
- Ricardo Madronho, professor emérito
- Pedro Lagerblad, professor do IBQM
- Thereza Paiva, secretária municipal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

Fiocruz

- Claudia Travassos
- José Noronha

Unirio

- Ulisses da Costa Filho, reitor

UFF

- Mônica Savedra, pró-reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

CBPF

- Marcio Albuquerque, diretor

• Além do deputado federal Reimont (PT-RJ) e do ex-deputado estadual Waldeck Carneiro.

ENTREVISTA | GULNAR AZEVEDO E SILVA, REITORA DA UERJ

“FORAM FEITAS VÁRIAS TENTATIVAS DE NEGOCIAÇÃO PARA A SAÍDA PACÍFICA”

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufjrj.org.br

Uma semana depois das cenas de violência que marcaram a desocupação do Pavilhão João Lyra Filho, no campus Maracanã da Uerj, o Jornal da AdUFRJ ouviu dois personagens marcantes do episódio. Para a reitora da Uerj, Gulnar Azevedo, o pedido de reintegração foi a única alternativa que restou depois de várias tentativas de diálogo com os estudantes. Já para o deputado federal Glauber Braga (PSOL-RJ), que foi preso pela PM na ocasião, a reitoria é responsável direta pelos acontecimentos. A seguir, as duas visões opostas da crise na estadual.

■ Olhando agora o que aconteceu, voltaria a pedir a reintegração de posse na Justiça, com uso da força policial?

● O pedido de reintegração de posse não envolvia obrigatoriamente a ação policial. O uso da força foi solicitado pela juíza após o descumprimento de sua decisão. Nas condições em que manifestantes radicalizaram a sua posição, confrontando a Justiça, e impondo riscos à própria vida e à vida dos servidores que tinham acesso ao Pavilhão João Lyra Filho, já que ignoraram todos os avisos da necessidade de desbloquear saídas de incêndio e portas de fuga, não houve outra alternativa.

■ Como viu a prisão de estudantes e do deputado Glauber Braga?

● Poderiam ter sido evitadas. Antes de a polícia entrar foram feitas várias tentativas de negociação para a saída pacífica. A intenção era mostrar que,

com decisão da Justiça, seria inevitável a desocupação. Eles preferiram permanecer.

■ Os estudantes denunciaram a presença de seguranças privados na ação de desocupação. Chegaram a chamá-los de milicianos. A senhora identificou esses seguranças?

● Os agentes patrimoniais são trabalhadores de empresa terceirizada e, em função disto, a chefia da Segurança pediu reforços, ante às graves ameaças de resistência do movimento, ao descumprimento de uma decisão da Justiça. Apesar de não estarem com uniforme usual dos agentes que trabalham regularmente na Uerj, estavam todos identificados com blusas pretas, orientados e sob a supervisão da chefia. Chamar os agentes de milicianos é um desrespeito com os trabalhadores.

■ O que fará a reitoria em relação ao patrimônio avariado?

● Os danos causados pela ocupação ainda estão sendo apurados, assim como o sumiço de discos rígidos (HDs) com informações sensíveis para a Uerj, que seguem desaparecidos. Ainda não há a contabilização de todos os prejuízos materiais. Foram instauradas sindicâncias para identificar os envolvidos nos atos de depredação. As medidas podem ser de natureza administrativa, conforme o regimento interno da universidade.

■ Como fica a questão do calendário acadêmico? Será mantido?

● Adequações no calendário acadêmico foram debatidas no Fórum de Diretores que aconteceu na quarta-feira (25), e que contou com a participação de representantes das unidades acadêmicas e administrativas. Propostas de ajuste no calendário serão debatidas no Conselho Superior de Ensino e Pesquisa.

■ Após essa crise, abriu-se uma janela de negociação de recursos junto ao Governo do Estado?

● Não foi a crise. Essa suplementação já vinha sendo pleiteada por nós em várias reuniões desde o início do ano. No dia 27 de agosto, o Governo do Estado autorizou uma suplementação para despesas gerais da universidade e R\$ 9 milhões com destinação específica para obras de construção do Restaurante Universitário da Faculdade de Formação de Professores, no



WALTERSON ROSA/MINISTÉRIO DA SAÚDE

campus São Gonçalo. O valor vai possibilitar o pagamento das bolsas transitórias até dezembro de 2024, entre outras despesas, como o pagamento de serviços terceirizados. Por enquanto, o Governo do Estado não indicou mais nenhuma verba suplementar. Em 2023, a suplementação total do governo foi de mais de R\$ 300 milhões.

■ Como será administrar a universidade após episódio tão lamentável? Teme que

o diálogo com as lideranças estudantis fique mais difícil?

● As aulas e demais atividades acadêmicas retomaram na terça-feira, dia 24. Esperamos, sinceramente, que as lideranças estudantis percebam que avançamos no diálogo ao acolher grande parte de seus pleitos. E pretendemos avançar ainda mais na construção de uma nova política de assistência estudantil, contando com a contribuição de vários segmentos da nossa universidade.

ENTREVISTA | DEPUTADO FEDERAL GLAUBER BRAGA, PSOL-RJ

“É UMA RESPONSABILIDADE DIRETA DA REITORIA”

■ Houve negociação com a PM antes de sua prisão e dos estudantes?

● O Batalhão de Choque não aceitou qualquer tipo de negociação. O fato é que eles já chegaram com extrema violência desde o momento em que eu entrei no portão da universidade, e depois quando eu fui ao encontro dos estudantes na ocupação. Lá houve uma tentativa de não criminalização do movimento estudantil, mas entre a minha fala e a entrada do Batalhão de Choque foram só seis minutos.

■ Como agiu a polícia assim que chegou ao local?

● A polícia agiu de forma truculenta. O comandante do Choque se colocou como se fosse dono da universidade. Isso, eviden-



temente, foi corromper a autonomia universitária. E essa é uma responsabilidade direta da reitoria. Tanto é que ele não estava querendo que eu passasse do portão da universidade. Quem é um comandante de Choque para definir quem entra ou quem não entra em uma universidade pública? Ainda mais eu que estava no papel de

procurar agir e dialogar para que os estudantes não sofressem violência. Esse foi o cenário.

■ Chegou a presenciar agressões a estudantes? Como foram tratados na Cidade da Polícia os detidos?

● Sim, presenciei, e há vídeos circulando que mostram essas agressões. A violência de um ataque como aquele que foi feito pelo Choque, para além do que eu presenciei pessoalmente com relação aos estudantes, é algo inconcebível. Na Cidade da Polícia nós aguardamos até que todos os depoimentos fossem dados. O delegado apresentou uma postura razoável, de procurar ouvir, mas o pessoal do Choque continuou fazendo muita pressão por autuação de estudantes, coisa que felizmen-

te não aconteceu, graças a uma ação decisiva e importante de advogados e advogadas populares que estavam lá.

■ Como se sente agora, diante do ocorrido?

● É um episódio lamentável, triste, onde foi corrompida a autonomia universitária para a entrada de um Batalhão de Choque. Mas, ao mesmo tempo, fico orgulhoso de quem, no movimento estudantil, está lá lutando pela educação pública, pela Uerj, lutando para permanecer na universidade, pela permanência estudantil. Temos que dar uma salva de palmas para esses estudantes.

■ Vê alguma ingerência política em sua prisão, seja do governador Claudio Castro,

seja do presidente da Câmara, Arthur Lira?

● Não tenho como afirmar isso. Evidentemente o Batalhão de Choque sabia que eu era parlamentar. Tanto é que eu entrei na ocupação nessa condição. E a minha presença ali tinha como objetivo evitar o sofrimento de mais violências por parte dos estudantes. Mas isso aparentemente não era uma preocupação do batalhão.

■ O que achou da postura da reitoria da UERJ no episódio?

● A postura da reitoria foi o que levou a essa situação. Não há meias palavras: é inconcebível incentivar, autorizar e legitimar a entrada de Batalhão de Choque contra estudantes na Uerj ou em qualquer outra universidade.

Mudança prejudicou 2,1 mil estudantes vulneráveis

> Estopim das manifestações, ato executivo da reitoria alterou o “teto” da vulnerabilidade social de 1,5 para 0,5 salário mínimo de renda familiar per capita. Alunos perderam bolsa de R\$ 706

RENAN FERNANDES
comunica@adufjrj.org.br

Desde julho deste ano, 2.151 alunos da Uerj perderam a Bolsa de Apoio à Vulnerabilidade Social de R\$ 706. O número, obtido pelo Jornal da AdUFRJ a partir de planilhas oficiais da universidade, mostra o tamanho do estrago do Ato Executivo de Direção Executiva (AEDA) 38, que mudou os critérios de concessão do benefício. A medida mudou o “teto” da vulnerabilidade social de 1,5 para 0,5 salário mínimo de renda familiar per capita.

A Uerj justificou os cortes em resposta enviada pela assessoria de comunicação. “As alterações definidas em julho garantiram que os estudantes da faixa mais vulnerável pudessem continuar recebendo o auxílio emergencial que havia sido implementado durante o contexto de pandemia. Como essas bolsas foram implementadas sem previsão orçamentária, não havia mais como manter financeiramente a continuidade para os alunos em vulnerabilidade, com renda entre 0,5 a 1,5 salários mínimos familiares per capita”.

Ainda pelo AEDA 38, todos os alunos cotistas do campus Maracanã perderam o auxílio-alimentação de R\$ 300. A justificativa é que o local possui bandeirão com tarifa zero para o segmento.

A alteração nos critérios de distribuição das bolsas foi o estopim das manifestações e da ocupação da reitoria pelos alunos. Após negociação com representações estudantis, novos Atos Executivos estabeleceram um regime de transição para os alunos impactados pelos cortes.

Foi criada uma bolsa de transição de R\$ 500 que será paga até dezembro. Para projetar 2025, a reitoria espera a aprovação da proposta orçamentária na Alerj.

HISTÓRIA

A inclusão de estudantes negros e de baixa renda é parte da identidade construída pela Uerj nas últimas duas décadas. A primeira Lei de Cotas implementada no Brasil foi no Rio de Janeiro. A Assembleia Legislativa do estado aprovou em 2001 a lei que reservava 40% das vagas de graduação na universidade estadual para estudantes auto-declarados negros e pardos.

A medida transformou o perfil discente da universidade. Para garantir a inclusão e a permanência desses novos estudantes, foram criadas políticas de assistência que distribuem bolsas e auxílios aos estudantes cotistas ou em vulnerabilidade social. Segundo o DataUERJ, em 2023, 9.774 dos 24.345 estudantes da graduação (40,3%) recebem algum tipo de bolsa.

COMPARAÇÃO COM UFRJ

Na UFRJ, a distribuição de bolsas de assistência estudantil é mais tímida. Dados da pró-reitoria de Políticas Estudantis (PR-7) mostram que, dos 47.169 estudantes de graduação, 5.988 (ou 12,7%) recebem auxílio da universidade. Esse número de auxílios atinge somente 52,2% dos alunos que ingressaram por meio de cotas de renda.

O pró-reitor Eduardo Mach garante que a universidade não vai passar pelo mesmo problema da Uerj, mas alertou para um desequilíbrio que pode afetar as contas a partir de 2025. As alterações nas regras de ingresso do SISU determinaram que os candidatos cotistas concorram



KELVIN MELO

primeiro na ampla concorrência. Assim, a entrada de estudantes em situação de vulnerabilidade social não fica restrita aos 25% de vagas reservadas.

“No primeiro semestre de 2023, 375 alunos tiveram direito ao auxílio permanência de R\$ 700. Com a mudança da lei do ingresso a partir de 2024, esse

número aumentou para 657 alunos. Tudo está garantido para esse ano e estamos tentando equacionar para o ano que vem”, disse o pró-reitor.

DEPOIMENTOS

Temendo represálias, estudantes que perderam auxílios só aceitaram dar os depoimentos em anonimato

G., 9º PERÍODO, DIREITO

“Perdi o auxílio alimentação de R\$ 300 com a alegação de que o campus tem restaurante universitário (RU). Mas o RU não suporta todos os estudantes nos horários de pico. Quem tem hora para chegar ao estágio não consegue comer aqui. É comum esperar uns 45 minutos na fila só para entrar. Por isso, muitas vezes a gente come na rua, compra alguma coisa para ir comendo no trajeto. Então, pode parecer pouco para muita gente, mas R\$ 300 faz uma diferença enorme para muitos. Olha a minha situa-

ção: moro em São Gonçalo, perco mais de três horas no trânsito entre ida e volta e ainda gasto quase R\$ 20 reais por dia nos ônibus. Sou cotista, recebo a bolsa permanência de R\$ 700 e o auxílio transporte de R\$ 300, que não dá conta de tudo que gasto com passagem. Esse mês já não recebi. Tranquei algumas matérias para ter mais tempo livre e voltei a trabalhar como tatuador e artista plástico para complementar a renda e conseguir pagar as contas no fim do mês. É triste porque isso vai atrasar a minha formatura, mas é isso ou abandonar”.

M., 6º PERÍODO, ARTES VISUAIS

“Os cotistas do campus Maracanã estão sofrendo com esse corte. Hoje (24) é o primeiro dia da volta às aulas e tenho colegas que não apareceram e nem sei se vão aparecer. A bolsa auxílio é parte da nossa renda, a gente se planeja com esse dinheiro para sobreviver e continuar na universidade. A tarifa zero no RU não supre a função do auxílio alimentação que perdemos. Trabalho durante o dia em uma escola e quando chego à noite para estudar, não tenho intervalo entre as aulas para ir comer. Tenho que fazer uma escolha entre jantar ou assistir à aula. Ge-

ralmente, acabo comendo um salgado. Ou seja, gasto dinheiro e me alimento mal. Qual vai ser o próximo passo? Cortar o auxílio transporte? Moro no São Carlos, lá no Estácio. Vou ter que caminhar durante uma hora depois das 22h para voltar para casa? Hoje tenho medo de não conseguir me formar, de ter que trancar o curso. Ou vou terminar em uma jornada tripla fazendo docinho em casa para vender aqui nos corredores e ganhar uns trocados. De qualquer forma, é lamentável esse corte repentino no meio do ano”.

CINE CIDADANIA

Notícias de uma guerra particular

25 anos depois

01/10 • 19h

Exibição gratuita e debate com

João Moreira Salles
Diretor do filme

Luiz Eduardo Soares
Coordenador da Cátedra Patrícia Acioli

Itamar Silva
Líder comunitário
no Santa Marta

Estação Net Botafogo, Sala 1
Rua Voluntários da Pátria, 88

Promoção:



UFRJ

FÓRUM DE
CIÊNCIA E
CULTURA
UFRJ



CBAE
Colegio Brasileiro
de Altos Estudos
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

CÁTEDRA
PATRÍCIA ACIOLI

Estação
NET
CINEMA